

Do fumo pascal ao fogo pentecostal

Homilia na Vigília Pascal

Na sua sabedoria popular, o povo afirma: “não há fumo sem fogo”. Na verdade, foi com o fogo que iniciamos hoje a celebração desta Vigília Pascal: a vigília em que acolhemos a notícia da ressurreição do Senhor Jesus. Desse fogo acendemos o Círio Pascal, símbolo por excelência da Ressurreição, donde brota a luz de uma **nova vida**.

Neste sentido, hoje temos a alegria de acolher três irmãos (Ana Isabel, Bruno Miguel, Janaína) que fizeram toda a sua caminhada catecumenal, acompanhados por cristãos comprometidos a quem agradeço, e seguindo os diversos escrutínios propostos pelo Ritual de Iniciação dos Cristãos Adultos, e que em breve receberam os Sacramentos da Iniciação Cristã para uma **nova vida espiritual**.

Por isso, a Igreja é a mãe que acolhe a todos e se congratula com estes três Adultos que escolheram ser cristãos. A Sé Catedral, a Igreja mãe desta Arquidiocese, deve ser assim o lugar onde estes batismos acontecem.

Esta graça de Deus pela atitude destes três adultos coloca-nos perante uma dupla responsabilidade. Em primeiro lugar, urge recuperar a consciência batismal de modo a tornar a fé adulta e capaz de responder às interpelações. Ser cristão é sinónimo duma vida comprometida com Cristo e capaz de oferecer ao mundo um testemunho coerente. Quantos vivem esta consciência no quotidiano?

Para poder “fazer discípulos” importa “ser discípulo” que compromete a vida com um modelo que muitos não querem aceitar. Não bastam as tradições dum cristianismo herdado. Só a consciência de “ser

de Cristo” aguentando todas as consequências, oferece a alegria prometida.

Em segundo lugar, ao lado do recuperar a dignidade batismal importa suscitar o sentido de pertença à Igreja. Não a pertença de quem se considera só com direitos mas a responsabilidade de se identificar com a Igreja numa aceitação de tudo quanto é essencial e numa coragem de mostrar que, na verdade, somos Igreja. Não teremos necessidade de rever comportamentos? Não interessa pertencer à Igreja em determinados momentos para esquecer-se no momento das opções. Urge, e não tenho medo de o afirmar, uma purificação mesmo que a quantidade se sacrifique à qualidade.

Ao recuperar ou intensificar a consciência batismal e de pertença estamos a intuir a missão que a Igreja confia a todos. A missão é única: Cristo Ressuscitado a continuar, no tempo e na história, a salvação; as tarefas são diversificadas e não deve haver medo de as exercitar.

O Santo Padre, em Fátima, falando com os Bispos Portugueses, deixou um programa que, partindo da necessidade dum laicado adulto e verdadeiramente identificado com a Igreja, expresse um “novo vigor missionário” tornando-se coerentes testemunhas de Cristo ressuscitado numa atitude de ser: “ – Cristãos solidários com a transformação deste mundo”. É inútil refugiar-se nas lamentações e condenações da atual situação. O cristão é uma força renovadora da sociedade. Ao lado de muitas outras. Mas com uma identidade original e inconfundível. Deus parece ausente de tantas situações humanas. Mas elas gritam a urgência da presença dos cristãos, como muito bem escrevia Simone Weil:

“Quiçá Deus deixou entrever de si só o necessário para que da fé nele o homem seja impelido a cuidar do homem”.

A missão cristã que agora advém do paradoxo do sepulcro vazio é esta: anunciar a esperança ao mundo. Foi esse o pedido do anjo a Maria Madalena, Maria e Salomé, que escutávamos no evangelho: “Ele não está aqui. Ressuscitou! Ide agora dizer aos seus discípulos!” É esta a luz que somos chamados a divulgar, neste supermercado de salvação que o mundo nos oferece. E a opção da Ana Isabel, do Bruno Miguel e da Janaína em aderir a Jesus Cristo, mediante a recepção dos Sacramentos de Iniciação Cristã, é para nós um estímulo de que a Igreja continua viva e jovem.

Pela fé dizemos que Ele está vivo. Só que importa mostrar pela coerência o conteúdo desta afirmação. Dizer-se cristão e ser cristão é totalmente diferente. As palavras confundem e enganam. Os títulos não convencem ninguém. É chegada a hora da coragem de ser num confronto direto com tantos modos diferentes de encarar a vida. Não queremos ser melhores ou piores do que os outros. Só queremos que a vida manifeste, aqui e agora, Cristo.

Ao mesmo tempo, a Igreja encontra-se na encruzilhada de se autodefinir. Ela mesma é Sacramento, sinal eloquente de Cristo. Só que isto exige muito compromisso e unidade, muita fidelidade e sintonia de pensamento, muita comunhão responsável e alegria de ser parte integrante, muito amor e doação.

Para terminar, nestes 50 dias entre o fumo pascal e o fogo pentecostal, descido sobre os apóstolos no cenáculo, teremos um tempo inédito para revermos a nossa missão eclesial, como propõe o programa pastoral da Arquidiocese. Há lugar para todos e ninguém se pode sentir

dispensado de correr pelo mundo, a partir da comunidade, para anunciar Cristo Vivo.

Não fuçamos à responsabilidade, como vinha amada do Senhor, trabalhemos para que a Igreja seja, de verdade, delícia da humanidade.

Uma missão difícil sem dúvida, mas sempre animada pela esperança na Ressurreição, ou seja, dum Cristo em nós e entre nós. E porquê? Porque a Páscoa é sempre quando o homem quiser!

+ Jorge Ortiga, A. P.

Sé Catedral de Braga, 7 de Abril de 2012.